



biblioteca borges

coordenação editorial

davi arrigucci jr.

heloisa jahn

jorge schwartz

maria emília bender

história da eternidade

(1936) jorge luis borges

tradução heloisa jahn



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1996, 2005 by María Kodama
todos os direitos reservados

obra editada no âmbito do Programa “Sur” de Apoio
a Traduções do Ministério das Relações Exteriores,
Comércio Internacional e Culto da República Argentina.

grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.

título original
historia de la eternidad (1936)

capa e projeto gráfico
warrakloureiro

foto página 1

© ferdinando saianna/ magnum photos/ latinstock

preparação

márcia copola

revisão

isabel jorge cury

carmen s. da costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.
História da eternidade (1936) / Jorge Luis Borges ; tradução
Heloisa Jahn. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Título original: Historia de la eternidad.

ISBN 978-85-359-1724-6

1. Ensaios argentinos I. Título.

10-07763

CDD-ar864.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios: Século 20 : Literatura argentina ar864.4

2. Século 20: Ensaios : Literatura argentina ar864.4

[2010]

todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

telefone (11) 3707-3500

fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

prólogo 9

história da eternidade 11

as “kenningar” 36

a metáfora 58

a doutrina dos ciclos 63

o tempo circular 76

os tradutores d'*as mil e uma noites* 82

duas notas 110

história da eternidade

I

No trecho das *Enéadas* cujo objetivo é interrogar e definir a natureza do tempo, afirma-se que é indispensável conhecer previamente a eternidade, que — como todos sabem — é o modelo e o arquétipo daquele. Essa advertência preliminar, tanto mais grave se acreditamos que é sincera, parece aniquilar toda esperança de que nos entendamos com o homem que a escreveu. O tempo para nós é um problema, um problema trepidante e exigente, talvez o mais vital da metafísica; a eternidade, um jogo ou uma fatigada esperança. Lemos no *Timeu* de Platão que o tempo é uma imagem móvel da eternidade; e isso não passa de uma consonância que não demove ninguém da convicção de que a eternidade é uma imagem feita com substância de tempo. Essa imagem, essa palavra tosca enriquecida pelos desentendimentos humanos, é o que me proponho historiar.

Invertendo o método de Plotino (único modo de utilizá-lo), começarei inventariando as obscuridades inerentes ao tempo: mistério metafísico, natural, que deve preceder a eternidade, que é filha dos homens. Uma dessas obscuridades, não a mais difícil mas tampouco a menos

bela, é a que nos impede de estabelecer a direção do tempo. Que ele vai do passado para o futuro é a crença mais comum, mas a crença oposta não é mais ilógica — a que foi fixada em verso espanhol por Miguel de Unamuno:

*Noturno o rio das horas flui
do manancial que é o amanhã
eterno...¹*

Ambas são igualmente verossímeis — e igualmente inverificáveis. Bradley nega as duas e oferece uma hipótese pessoal: excluir o futuro, que é uma mera construção de nossa esperança, e reduzir o “atual” à agonia do momento presente desintegrando-se no passado. Essa regressão temporal costuma corresponder aos estados declinantes ou insípidos, enquanto toda e qualquer intensidade nos dá a impressão de avançar para o futuro... Bradley nega o futuro; uma das escolas filosóficas da Índia nega o presente, por considerá-lo inapreensível. “A laranja está a ponto de cair do galho, ou já está no chão”, afirmam esses estranhos simplificadores. “Ninguém a vê cair.”

O tempo propõe outras dificuldades. Uma delas, talvez a maior, a de sincronizar o tempo individual de cada pessoa com o tempo geral da matemática, foi amplamente alardeada pelo recente alarme relativista, e todos se lembram dela — ou pelo menos se lembram de lembrar-se dela até há bem pouco tempo. (Eu a retomo assim, deformando-a: Se o tempo é um processo mental,

¹ O conceito escolástico do tempo como a fluência do potencial no atual é afim a essa ideia. Cf. os objetos eternos de Whitehead, que constituem o “reino da possibilidade” e ingressam no tempo.

como é possível que milhares de homens o partilhem, ou mesmo dois homens diferentes?) Outra é a destinada pelos eleatas à refutação do movimento. Essa pode ser resumida nestas palavras: “É impossível que em oitocentos anos de tempo transcorra um período de catorze minutos, porque primeiro é indispensável que tenham se passado sete, e antes de sete, três minutos e meio, e antes de três e meio, um minuto e três quartos, e assim infinitamente, de modo que os catorze minutos nunca se completam”. Russell rebate esse argumento afirmando a realidade e mesmo a vulgaridade dos números infinitos, que se dão de uma vez só, por definição, e não como termo “final” de um processo enumerativo sem fim. Esses algarismos anormais de Russell são uma boa antecipação da eternidade, que também não é possível definir pela enumeração de suas partes.

Nenhuma das diversas eternidades planejadas pelos homens — a do nominalismo, a de Irineu, a de Platão — é uma adição mecânica de passado, presente e futuro. Trata-se de algo mais simples e mais mágico: a simultaneidade desses tempos. A linguagem comum e aquele dicionário assombroso *dont chaque édition fait regretter la précédente* parecem ignorá-lo, mas assim a pensaram os metafísicos. “Os objetos da alma são sucessivos, agora Sócrates e depois um cavalo — leio no quinto livro das *Enéadas* —, sempre uma coisa isolada que se concebe e milhares que se perdem; mas a Inteligência Divina abarca todas as coisas conjuntamente. O passado está em seu presente, bem como o futuro. Nada transcorre neste mundo, no qual persistem todas as coisas, quietas na felicidade de sua condição.”